

SEÇÃO: ARTIGO

**As pinturas rupestres da Toca do Índio, Andrelândia,
Minas Gerais, Brasil¹**

André Prous²

Soraia Maria de Jesus³

Ione Mendes Malta⁴

A Toca do Índio do município de Andrelândia (MG) foi estudada por uma equipe do Setor de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais em 1984, com a participação de estudantes da referida cidade. As pesquisas em campo totalizaram dez dias, em duas etapas; incluíram uma sondagem, uma topografia rápida e um levantamento sistemático por calque. Tratando-se de um salvamento realizado a pedido do IPHAN em uma região ainda desconhecida arqueologicamente, a interpretação dos vestígios escavados é bastante limitada; contudo, o registro rupestre fornece interessantes elementos comparativos a nível do Estado.

SITUAÇÃO

O abrigo Toca do Índio encontra-se nas coordenadas 21° 44' S e 44° 18' W. Não é muito distante da divisa entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, em região acidentada com altitude geralmente superior a 1.600m acima do nível do mar. As temperaturas médias mensais variam de 6 a 22° C, havendo alguns dias de gelo cada ano. As chuvas (entre 1.500 e 1.600 mm anuais) caem de setembro a abril.

¹ Este texto, assim como a montagem do conjunto rupestre da Toca do Índio, foi publicado em 1987 na forma de microfichas pelo Institut d'Ethnologie de Paris (Prous, A.; Jesus, S. & Malta, I. *Les peintures rupestres de la Toca do Índio, Andrelândia, Minas Gerais, Brésil* Paris, Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie, Archives et Documents, Micro Editions R. 87 039 479).

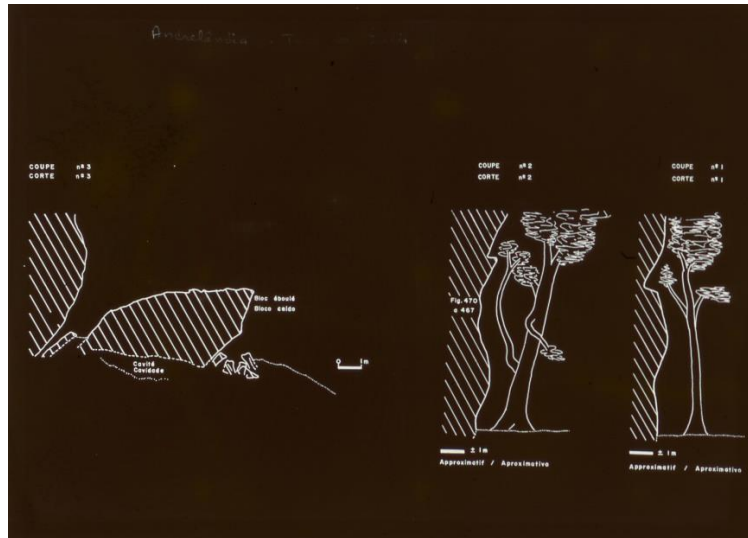
² Mission Archéologique du Minas Gerais (Ministère des Affaires Etrangères); Setor de Arqueologia da UFMG.

³ Bolsista do Pró-Memória no Setor de Arqueologia da UFMG.

⁴ Professora na PUC-MG, colaboradora do Setor de Arqueologia da UFMG.

O abrigo se estende por cerca de 60m ao longo de uma parede quase retilínea, e geralmente pouco inclinada no sentido vertical. A zona plana que forma o chão da parte protegida raramente alcança 10m de largura e dentro dela grandes blocos desabados ocupam boa parte do espaço. Aberto para o noroeste, o abrigo recebe aos raios solares filtrados pela vegetação arbórea a partir das 10h da manhã no mês de julho. No sudoeste, uma goteira proporciona água, pelo menos durante a estação chuvosa.

Figura 3 – Cortes do paredão



Fonte: Prous *et al.* (1987)

Desta forma, situado quase no topo do mais alto relevo regional, com pouca água disponível nas imediações, em um compartimento topográfico desfavorável à caça e, mais ainda, à pesca, há pouca chance que este sítio tenha sido frequentado intensamente pelas populações pré-históricas de caçadores-coletores. Quanto às populações ceramistas e horticultoras mais recentes, encontramos seus sítios de ocupação a céu aberto no fundo do vale, em zona mais propícia à agricultura. Assim sendo, também não deviam ocupar normalmente o abrigo, a não ser por razões estratégicas em períodos conturbados. Pode ter sido um local de refúgio ou um ponto de observação, o que talvez explique o nome dado ao sítio pelos colonos que chegaram na região no final do século XIX. Estes se apropriaram a elevação íngreme, batizando-a como Morro de Santo Antônio e construindo no topo uma capela em honra deste santo. Felizmente, os peregrinos não saem do sendeiro tradicional para visitar o abrigo pintado, que as dificuldades de acesso protegeram do vandalismo.

A SONDAGEM E O MATERIAL ESCAVADO

Realizada por I. M. Malta e P. Junqueira, uma sondagem foi aberta em zona lateral, contudo fora das partes recobertas por grandes blocos que não teria sido possível retirar. É inclusive possível que a maior parte desses blocos tenham caído antes da chegada dos indígenas e que o sedimento subjacente aos desabamentos seja estéril. Os 2m² escavados são insuficientes para fornecer uma amostra representativa da ocupação do abrigo: o objetivo era apenas verificar a presença de sedimento com vestígios e fornecer uma indicação do interesse do abrigo para futuras escavações mais amplas.

Os escavadores distinguiram 3 pacotes sedimentares: o superior (com 10 cm de espessura) de cor cinzenta e rico em matérias orgânicas, com a maior densidade de vestígios arqueológicos; abaixo dele, um conjunto intermediário arenoso espesso de 30cm, pobre em vestígios (estes, concentrados nos seus 20cm superiores). Na base se encontravam blocos desabados que as dimensões restritas da sondagem não permitiram retirar, impossibilitando verificar se haveria ocupações anteriores ao desabamento. Foi possível reconhecer 3 camadas arqueologicamente férteis (níveis I, II e IV) com estruturas de combustão nas duas unidades superiores, enquanto dois níveis com alguns carvões esparsos foram identificados nos níveis inferiores (camadas 6 e 7), sendo os provenientes da camada 6 datados no laboratório de radiocarbono da NUCLEBRAS de Belo Horizonte em 3030± 40 BP. Quando nem as modificações do sedimento nem as variações de densidade dos vestígios arqueológicos permitiam subdividir os pacotes espessos entre os níveis com material (foi o caso nas camadas III e V), a escavação foi feita por níveis arbitrários.

As ocupações mais antigas

No nível arqueológico mais antigo escavado (aquele datado em 3030 BP) foram achadas duas pequenas pontas de projétil (uma de quartzo e a outra, de sílex) de corpo triangular, algumas lascas e *nuclei*, e uma ponta polida feita em osso de mamífero. Os restos de fauna são raros: fragmentos de concha de gastrópodes terrestres; ossos de quelônio, de cervídeo, de tatu (vestígios dessas duas últimas categorias foram encontrados exclusivamente neste nível inferior) e de roedor, assim como um espinho de peixe; este último mostra que alimentos foram trazidos até o abrigo, enquanto os demais vestígios poderiam vir de animais que moravam no local e não resultar de uma caça por parte dos humanos.

O primeiro piso de ocupação (na camada IV) e a camada imediatamente inferior (V) contêm a maior quantidade de vestígios arqueológicos líticos. São produtos de debitage de quartzo e de sílex, mas há também algumas lascas de rocha basáltica, uma delas, polida. Já mencionamos a ponta de osso de mamífero, mas encontrou-se também um “tubo (diáfise) de osso de ave grande (ema?).

As ocupações de ceramistas

A camada III forneceu pouco material cerâmico (que nela aparece pela primeira vez) ou lítico (exclusivamente de quartzo), fornecendo sobretudo restos de fauna (conchas, ossos de roedores e de tatus). Foi notada a presença de pedras que pareciam servir de esteio para poste.

A camada II é a única que apresentou pigmentos minerais (vermelhos e de cor laranja); todos eles foram encontrados em uma estrutura de combustão. Os restos de fauna são raros, mas aparecem pela primeira vez restos de aves, juntamente com os costumeiros ossos de roedor e de tatu.

A camada I é caracterizada por numerosos fragmentos de cerâmica. A presença de bolas de argila não queimada sugere que tenham sido modeladas no abrigo. Os vestígios líticos e os restos de fauna (aves) são mais raros do que nos níveis anteriores.

Observações gerais sobre os vestígios enterrados

A representatividades dos vestígios apresentados a seguir é limitada, em razão da superfície escavada ser pequena.

O material lítico foi estudado por I. Malta e P. Junqueira, enquanto a fauna foi analisada por T. Veloso e os vegetais por T. M. Grandi.

Os vestígios orgânicos

Foram encontrados tanto em estruturas de combustão quanto aos seus arredores, sendo possível que alguns desses vestígios não sejam decorrentes das atividades humanas.

Os únicos restos vegetais (além dos carvões) são seis fragmentos carbonizados de frutos de palmáceas.

Quase a metade dos 747 vestígios de fauna são de pequenos mamíferos sem maior identificação. Roedores, duas espécies de tatu e conchas de grandes gastrópodes (*Strophocheilidae*) encontram-se em todos os níveis; peixes, quelônios, aves e cervídeos estão concentrados em apenas um deles. Os vestígios de cervídeo comportam apenas ossos da parte posterior do corpo; pode ser porque trouxeram apenas os quartos traseiros, por ser a parte mais carnuda dos animais, ou porque se procuravam os metápodos para fabricar instrumentos (como já verificamos em outros sítios de Minas Gerais). Tatus e quelônios são representados apenas por peças da sua carapaça.

As estruturas antrópicas

Poucas estruturas poderiam ser observadas em uma sondagem tão restrita.

Na camada I, os restos de algumas fogueiras recentes misturavam-se com os vestígios das últimas estruturas de combustão do período pré-histórico. Na camada II uma grande fogueira não construída estava apoiada em um bloco que então aflorava; sua cova cônica tinha 16cm de profundidade e continha dois blocos de pigmento. Perto dela, 4 placas de micaxisto inclinadas pareciam servir de calço para um poste.

A camada IV era caracterizada por extensões amorfas de terra queimada e carvões, possivelmente decorrentes da limpeza ou da destruição de fogueiras próximas que se encontrariam na parte não escavada do entorno.

Os artefatos⁵

A cerâmica

Encontramos na superfície do abrigo 14 fragmentos de cerâmica e 11 bolas de argila não queimada, tudo isto concentrado no sudoeste do abrigo.

Os fragmentos retirados durante as escavações (camada I da sondagem) são finos (4 a 7mm de espessura), provenientes de vasilhas globulares bem alisadas, quase polidas. Trata-se de cerâmica roletada, cujo antiplástico comporta grãos de quartzo angulosos e mica (cuja

⁵ Ilustração dos vestígios encontrados nas escavações pode ser vistas no texto de Marcos Paulo de Souza Miranda, neste volume.

abundância tornou a pasta friável). O grau de oxidação é muito variável tornando a cor externa preta, cinzenta, marrom ou bege.

Embora o material não seja muito diagnóstico, poderia ser atribuído à Tradição *Una*, cuja presença é atestada a poucas dezenas de quilômetros; os portadores desta cerâmica ocuparam abrigos e pequenas grutas para finalidades rituais durante o Iº milênio AD no estado de Rio de Janeiro e no norte de Minas Gerais. Pode ser que os últimos indígenas da região, refugiados nos relevos ao entorno do abrigo tenham usado as argilas ricas em moscovita disponíveis no vale próximo do rio Santo Antônio, modelando as bolas de argila antes de queimar os potes em um abrigo vizinho, onde uma estrutura semelhante àquela de um forno rudimentar foram encontradas.

O material lítico

Nele predomina o quartzo (93,1% do número total de peças), embora o sílex ocorra também (5,4%) nos níveis superiores com cerâmica. Três lascas de rochas basálticas (1,5% do material lítico) foram encontradas nos níveis intermediários, das quais duas tem sua face externa polida (poderiam ser lascas de reforma de lâminas de machado).

O sílex foi exclusivamente lascado, aparentemente à mão livre. Encontramos 2 *nuclei* e 7 pequenas lascas, além de bem outra maior e retocada (esta lasca pesa 15g).

Não se sabe de onde o sílex seria proveniente, enquanto o quartzo, leitoso ou hialino, podia ser encontrado na parede do abrigo e nas encostas abaixo dele; os cristais não ultrapassam 4cm e são de qualidade medíocre. Contudo, esta matéria foi menos fraturada na bigorna (6 peças nucleiformes) que a mão livre (14 pequenos *nuclei*). Coletamos também 45 cristais não lascados, 13 lascas inteiras e 45 incompletas, bem como 53 pequenos resíduos de lascamento. Duas lascas foram retocadas unifacialmente em forma de ponta. Além dessas, os instrumentos identificados são poucos: 2 lascas de sílex e uma de quartzo apresentam a olho nu uma borda natural arredondada e brilhante; examinadas na lupa binocular e no microscópio metalográfica apresentam, contudo, micro lascamento contínuo; foram interpretadas como lascas utilizadas como facas. As duas pontas (supostamente de projétil) de quartzo e sílex tem apenas 2,5cm de comprimento. O retoque é marginal e afeta exclusivamente a face externa. A morfologia do corpo é foliácea, embora não totalmente simétrica. A peça de sílex possui também um pedúnculo e duas aletas ainda visíveis, embora o artefato tenha sido afetado pelo fogo após o abandono. Muito diferente das grandes e belas pontas bifaciais do platô central de Minas Gerais,

estas pontas da Toca do Índio eram possivelmente tudo o que se podia obter a partir dos suportes de pequenas dimensões disponíveis nas imediações.

Os artefatos de osso

Duas pontas foram encontradas nas camadas sem cerâmica (= pré-cerâmica?), sendo fabricadas a partir de ossos longos de grandes mamíferos. O osso foi inicialmente cortado com uma faca de pedra (as peças conservam marcas desta fase de preparação) e trabalhado a seguir por polimento. A face interna conserva a curvatura da cavidade medular. Pela sua morfologia, um dos exemplares devia encaixar-se em um cabo oco, enquanto o outro estava provavelmente fixado lateralmente. As peças apresentam quase o mesmo comprimento (3,1 e 3,3 cm).

Um objeto quebrado de osso tinha sido preparado retirando-se a epífise de um osso longo de ave de grande porte. A cicatriz resultante foi então realizada por polimento. A outra extremidade do artefato está quebrada, mas se verifica os vestígios de um trabalho semelhante. O objetivo seria possivelmente a obtenção de um elemento de adorno tubular.

Duas outras peças quebradas também podem indicar a fabricação no local de um colar ou de uma pulseira. São duas raízes perfuradas de dentes (incisivos) de grande mamífero. As perfurações foram praticadas por raspagem realizada a partir das duas faces opostas. O processo devia ser completado por percussão punctiforme, pois não há sinal de perfuração rotativa. As duas peças têm respectivamente 14 e 19mm de comprimento e suas coroas não foram achadas na escavação; a perfuração de uma delas é alongada (1,9 x 1mm de diâmetro), enquanto a outra é circular (1,5mm).

O registro rupestre

Foi porque não se sabia até então da existência de registros rupestres no sul do estado de Minas Gerais que aceitamos a proposta de ir conhecer Toca do Índio de Andrelândia⁶.

Era interessante verificar se existia, nesta região, uma tradição distinta daquelas que já havíamos definido no Estado (as Tradições Planalto e o *Estilo Ballet* no centro do Estado, ou a Tradição São Francisco, identificada mais ao norte na bacia do rio epônimo).

⁶ Solicitação feita pelo IPHAN a pedido de um grupo de estudantes da cidade de Andrelândia. A hospedagem da equipe da UFMG foi garantida pelos mesmos estudantes, enquanto o transporte e os demais gastos cobertos pela UFMG.

Técnicas de levantamento

O levantamento fotográfico colorido foi realizado por Paulo Alvarenga Junqueira; os calques sobre plástico foram feitos sob a direção de André Prous, com a participação de Soraia Maria de Jesus e de estudantes de Andrelândia (José Marcos e Cláudio Alves Salgado e Gilberto Pires de Azevedo). Por falta de tempo não foram feitas fichas individuais de cada figura, nem foram verificadas as cores exatas com ajuda do código geológico Expolaire. A cópia do conjunto em escala 1:5⁷ foi verificada *in situ* durante uma segunda estadia em Andrelândia. A análise sistemática do registro rupestre será tema de uma tese de Doutorado sobre a Tradição São Francisco⁸, de forma que apresentaremos aqui apenas uma descrição superficial.

O suporte e a cronologia

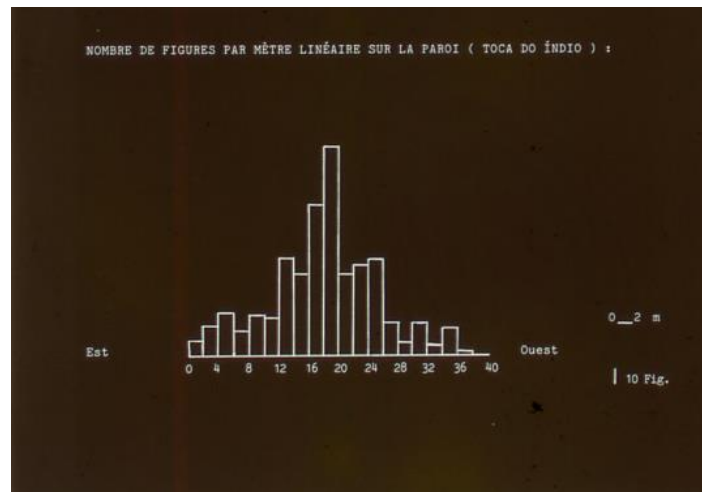
A rocha na qual está situado o abrigo é de cor cinza escuro de grão grosso, no qual se destacam numerosas granadas. A forte xistosidade facilitou os fenômenos de descamação. Notam-se quatro “níveis” de descamação e exfoliações que afetam a superfície original (I); a superfície descamada mais antiga (II) apresenta uma espessa pátina esbranquiçada. Parte dela sofre novas exfoliações, cujas cicatrizes (superfície n° III) possuem um esbranquiçamento menos pronunciado. Perto do nível do chão notam-se quedas de plaquetas de última geração, deixando aparecer uma superfície (IV) menos patinada ainda. As duas superfícies II e IV apresentam manchas pretas de aspecto seja oleoso, seja pulverulento.

A maior parte dos grafismos alinha-se ao longo de 38m de parede, existindo pinturas nos 4 níveis da superfície. Por vezes, uma mesma figura passa de uma para outra (indicando que foi feita posteriormente à queda das placas). Outras figuras foram interrompidas por uma descamação, havendo outras (portanto mais recentes) na cicatriz da placa desabada. Desta forma, dispõe-se de alguns elementos de cronologia relativa.

⁷ Feita a seguir em Belo Horizonte com um pantógrafo.

⁸ Tese que não chegou a ser realizada.

Figura 4 – Densidade de grafismos



Fonte: Prous *et al.* (1987)

A maior parte das figuras concentra-se entre os metros 14 e 26, onde o suporte é mais plano e a forte pátina branca o suporte de tipo II fixa melhor as tintas que as superfícies menos patinadas (III e IV). Ao passar de uma superfície para outra, a cor do traço de uma mesma figura se modifica, refletindo a luz de forma diferente; da mesma forma, varia sua espessura.

Nessa mesma parte do abrigo encontram-se as únicas figuras situadas acima de 2m em relação ao chão atual; as mais altas culminam a 5m de altura, e poderiam facilmente ter sido pintadas a partir de galhos de árvore maiores. Na extremidade do abrigo, perto do cone de dejeção, as pinturas são raras e esparsas, e o suporte muito irregular. Algumas grandes placas caídas no momento II e fincadas verticalmente no chão foram decoradas com círculos concêntricos.

Apesar da aparência homogênea das pinturas que poderiam todas pertencer a uma mesma Tradição, a análise das relações figuras/suporte sugere a existência de 3 momentos de elaboração ao longo do período pré-histórico.

- 1 - Figuras monocromas, mais frequentemente vermelhas que amarelas.
- 2 - Aparecimento de figuras bicrômicas amarelo/vermelho.
- 3 - Grandes linhas quebradas bicrômicas (vermelho/amarelo) sobrepõem grafismos anteriores, a meia altura do registro pintado. Talvez contemporâneas, seis figuras brancas ou bicrômicas (vermelho/branco) foram pintadas em uma zona marginal. O branco parece reforçar figuras vermelhas pré-existent.

4 – No período histórico alguns *graffiti* (nomes e datas) formam o último nível rupestre.

Seria arriscado propor uma idade para os grafismos pré-históricos, embora se possam enumerar alguns elementos de discussão:

- os únicos nódulos de pigmento retirados das escavações foram encontrados no contato entre os níveis com e sem cerâmica, posteriores a 3.200 BP; obviamente, nada comprova que eles estejam relacionados às pinturas do paredão, nem que não tenham sido pintadas figuras antes deles serem abandonados no local da futura sondagem. Contudo, atribuímos em outra região as pinturas *São Francisco* (caracterizada pela bicromia e que apresenta alguns elementos tipológicos semelhantes no norte de Minas Gerais) uma antiguidade entre 7.000 e no mais tardar 2.000 BP (Prous, 1986; Prous *et al.*, 1984). Se houver alguma relação com as figuras da Toca do Índio, poderiam estas ter sido executadas na mesma faixa cronológica?

Cores e técnicas

Não foram realizadas análises dos pigmentos utilizados para pintar o paredão; é provável, contudo, que os pigmentos sejam de origem mineral, já que os pigmentos vegetais costumam degradar-se ao longo de poucos milênios. A cor dominante é a vermelha, por vezes alaranjada. A cor amarela, quando muito diluída, pode aparecer como levemente alaranjada também. O branco, por sua vez, é muito raro e sempre pastoso e nunca foi utilizado nos grafismos figurativos. As figuras zoomorfas são sempre monocromáticas (geralmente vermelhas, mais raramente, amarelas). As pinturas não figurativas (“geométricas”) podem ser bicrômicas. Não registramos a cor de cada figura a partir de um código de referência em parte por falta de tempo, em parte porque frequentemente o tom de uma mesma linha variava em função das mudanças de cor do próprio suporte.

Tabela 1 – Cores e quantidade de figuras

Cor	Número de figuras	%
Vermelho (monocromia)	464	71,3 %
Amarelo	129	19,8 %
Branco	3	0,5 %
Bicromia vermelho/amarelo	50	7,7 %
Bicromia vermelho/branco	3	0,5 %
Preto	1	0,2 %
Total	650	100 %

Fonte: Elaborado pelos autores.

Temática

Podem se definir duas “famílias”: a dos grafismos figurativos (neste caso, exclusivamente zoomorfos, não havendo representações reconhecidas de seres humanos ou de vegetais) que totalizam 9 % do registro gráfico levantado e a das pinturas aparentemente não figurativas, que denominaremos “Geométricas” (91 %).

As figuras zoomorfas são sempre monocromáticas e vistas de cima (em *plongée*), patas projetadas lateralmente, sendo perpendiculares ou oblíquas em relação ao corpo. Este, assim como a cabeça, é totalmente pintado em *teinte plate*, nunca sendo apenas contornado. As patas costumam ser simples linhas, sem detalhamento do modelado anatômico. Suas dimensões variam entre 1 e 90 cm. Trata-se exclusivamente de sauros (7,5 % de todas as pinturas) e de seres de corpo arredondado e patas curtas que poderiam ser quelônios (16 %), estes sendo sempre de cor vermelha. Há dois tipos de representação dos sauros; o primeiro é esquemático, com corpo e cauda retos; a cabeça por vezes não se diferencia do tronco. O segundo é mais elaborado e realista; apresenta uma cabeça losangular separada por um pescoço do corpo, cujo modelado é indicado; as patas têm suas articulações bem marcadas.

Tanto os sauros quanto os supostos quelônios podem apresentar 3, 4 ou 5 dedos (dominando claramente os tridáctilos). Raros grafismos possivelmente figurativos poderiam ser instrumentos: um propulsor, um dardo, e talvez um machado e um maracá.

As figuras geométricas são mais numerosas, entre as quais “bastonetes” e triângulos” predominam (totalizando mais de 28 % de todas as pinturas, enquanto nenhuma outra categoria geométrica ultrapassa 5%). Excluindo os triângulos, todas as figuras geométricas são lineares e filiformes, tendo sido provavelmente traçadas com pincéis pouco espessos.

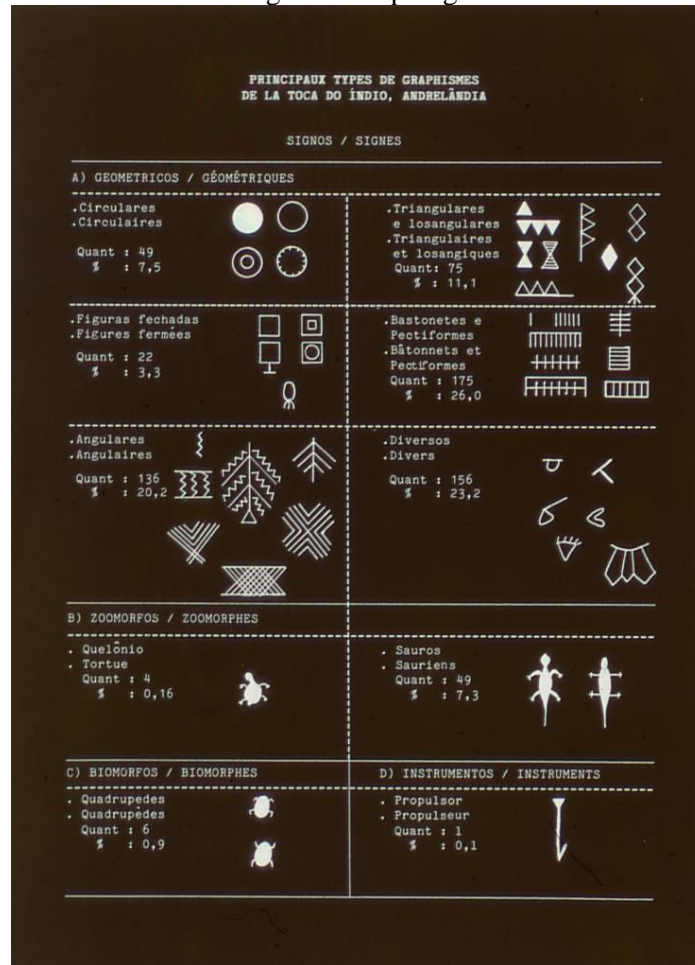
Cerca de 10% desses desenhos geométricos são bicrômicos. Algumas categorias (linhas quebradas, triângulos e retângulos) costumam ocorrer em agrupamentos. Nota-se a existência de grandes linhas quebradas que dividem o painel central em duas partes (uma, mais alta e a outra, mais baixa) ao longo de vários metros; porém essas linhas parecem ser posteriores aos demais grafismos.

Organização dos grafismos

Tentamos encontrar correlações entre temas, cores e posição das figuras na topografia (na horizontal e na vertical). Embora não tenhamos ido além de primeiras impressões, podemos notar algumas recorrências:

- Os sauros agrupam-se geralmente em pares ou tríades, por vezes alternando a posição (cabeça para cima e cabeça para baixo).
- A direita e a esquerda do conjunto principal e em situação alta estão os triângulos opostos, associados a tríades de sauros (em posição alternada) e triângulos opostos pelo vértice.
- As figuras radiadas (em forma de asterisco) são sempre vermelhas; as duas maiores estão situadas na parte decorada mais alta, em ambas as extremidades da zona mais densamente pintada, enquanto as menores estão sempre na parte inferior do painel.
- As grandes linhas quebradas que separam a metade superior do painel da parte inferior estão particularmente associadas espacialmente a séries de figuras triangulares.
- Os sauromorfos nunca recobrem figuras anteriores, e as figuras posteriores os evitam sistematicamente – quando muito, a extremidade de um traço de grafismos geométrico pode passar sobre uma cauda.
- As figuras bicrômicas se concentram na zona decorada central, entre os metros 14 e 24.

Figura 5 - Tipologia



Fonte: Prous *et al.* (1987)

A Toca do Índio e a Tradição São Francisco⁹

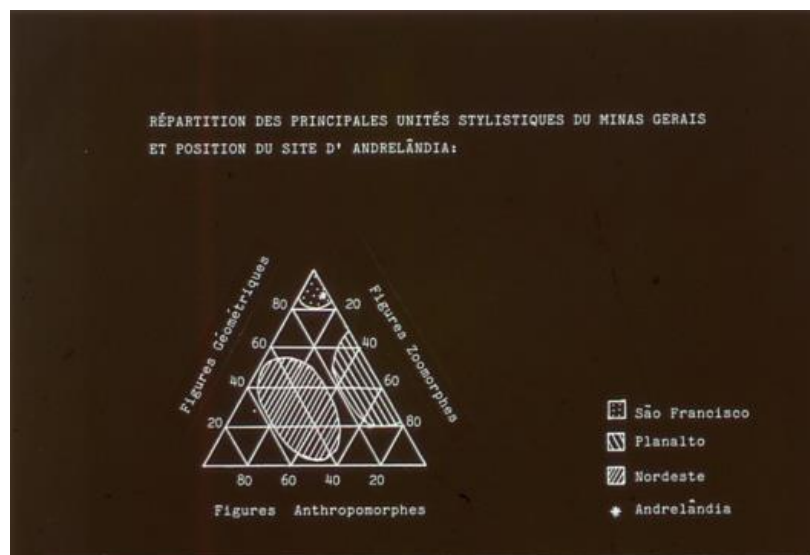
Acreditamos que os grafismos da Toca do Índio pertençam à Tradição *São Francisco*. Tanto os temas quanto a importância da bicromia o demonstram. Contudo, algumas peculiaridades distinguem o registro gráfico da Toca do Índio daquele da Tradição *São Francisco* como a

⁹ Nesta época ainda conhecíamos pouco a variedade de arte rupestre de Minas Gerais e privilegiávamos a oposição: dominância de animais (sobretudo cervídeos: Tradição *Planalto*) / predominância de figuras geométricas frequentemente bicromáticas (Tradição *São Francisco*). Também focalizamos na Toca do Índio a existência de bicromia e a presença de uma possível representação de um propulsor, características da Tradição *São Francisco* no vale do Rio Peruaçu. Consideramos também a presença de sauros que aparecia no meio de figuras *São Francisco* em alguns (poucos) sítios do Peruaçu. Hoje em dia descartamos esta identificação. Inclusive, os sauros, no estado da Bahia, são particularmente característicos do que M. Beltrão denominou Tradição Cosmológica e não parecem mais diagnósticos da Tradição *São Francisco*.

conhecemos no Médio Vale do Rio São Francisco; assim tratar-se-ia de um estilo regional¹⁰. Notemos na Toca a ausência total de figuras antropomorfas, mesmo esquematizadas¹¹.

A seguir, a grande quantidade de sáurios, e o fato que os zoomorfos são quase exclusivamente representados por eles. Entre as figuras geométricas se destacam desenhos com superfícies pintadas de tipos ausentes no vale do rio Peruaçu; ao contrário, muitos tipos geométricos característicos das regiões de Januária e Montalvânia não ocorrem na Toca. A técnica de desenho é também distinta. Enquanto na Tradição São Francisco predominam os traços largos, em Andrelândia as linhas são muito finas e nas figuras bicrômicas os traços de cor diferente correm paralelos sem se tocar.

Figura 6 – Unidades estilísticas de Minas Gerais



Fonte: Prous *et al.* (1987)

CONCLUSÃO

Sendo a Toca do Índio o único sítio arqueológico conhecido em uma ampla região¹² e tendo sido a única escavação de extensão restrita, é difícil avaliar qual seria sua representatividade para a pré-história local. O interesse do trabalho que realizamos até agora reside principalmente no levantamento do registro rupestre. Pela primeira vez se encontra sinal da Tradição *São*

¹⁰ Hoje, falaríamos em fácies, e não em estilo.

¹¹ Lembramos que, na época, estávamos ainda considerando os grafismos que hoje inserimos num Complexo *Montalvânia*, rico em antropomorfos, como caracterizando um estilo da Tradição *São Francisco*.

¹² Desde então, o NPA registrou vários outros sítios na região, alguns deles estudados pelo Setor de Arqueologia do MHNJB-UFMG.

Francisco fora do vale epônimo, enquanto esperávamos, pela situação geográfica, encontrar figuras de tipo *Planalto*. Esperamos que futuras descobertas de novos sítios rupestres permitam definir um estilo regional.

Visitamos coleções particulares perto da cidade de Andrelândia e realizamos prospecções preliminares que confirmaram o interesse arqueológico da região, onde se verificou a presença de vários sítios ceramistas a céu aberto da Tradição Aratu/Sapucaí.

Um grupo de estudantes e intelectuais da cidade de Andrelândia se esforça para conseguir o tombamento do sítio e dos seus arredores, assim como a criação de um parque natural municipal.

BIBLIOGRAFIA

Malta, I, Mendes & Jesus, M. S. *no prelo*. “O Abrigo da Toca do Índio – Andrelândia MG - Um sítio da Tradição São Francisco na Zona da Mata”. *Atas da 3ª reunião Científica da SAB*, Goiania 1985. 15 p.

Prous, A. 1980 “Estilística e Cronologia na arte rupestre de Minas Gerais”, *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 31: 121-146.

Prous, A. 1986 “L’Archéologie au Brésil, trois cents siècles d’occupation humaine”. *L’Anthropologie*, Paris, 90 (2): 257-306, 35 figs.

Prous, A. 1987 “Direções de pesquisa na análise da arte rupestre de Minas Gerais” – 2ª parte, *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, 10:

Prous, A., Junqueira, P. & [Malta, I. Mendes – 1984 “Arqueologia do Alto Médio São Francisco. Região de Januária e Montalvânia” *Revista Brasileira de Arqueologia*, Belém, 1 (2): 59-72.

Nota dos autores

Para os interessados, acrescentamos aqui a referência de um texto de Gustavo Villa “Arqueo-astronomia no sítio Toca do Índio em Andrelândia-MG”, disponível na Internet. Nele, o autor analisa o conjunto rupestre da Toca do Índio numa perspectiva de arqueoastronomia.

Para o autor, o sítio teria sido um local de observação do céu e que no seu paredão estariam registrados fenômenos celestes. O autor propõe que os grandes ziguezagues duplos representariam os topos da Serra dos Dois Irmãos, enquanto os triângulos, círculos concêntricos bicrômicos e desenhos radiados figurariam corpos celestes. Desta forma, as figuras nº 218 e 650 do nosso registro evocariam respectivamente as supernovas de 1101 e de 1572, que, desde o abrigo, eram visíveis acima da referida serra. Quanto às figuras vizinhas 121 e 141, elas marcariam o azimute do ocaso solar no solstício de inverno, e do ocaso do aglomerado das Plêiades na mesma faixa cronológica.

REGISTROS RUPESTRES DA TOCA DO ÍNDIO

Para a fotografia dos rolos de reprodução em papel vegetal reproduzidos nas páginas subsequentes, agradecemos a colaboração do Professor Fabricio Fernandino (EBA-UFMG e MHNJB-UFMG), Roselene Carvalho (MHNJB-UFMG) e Claudio Nadalim (EBA-UFMG); as microfichas foram digitalizadas por Cleber Faliere (EBA-UFMG).

